

Uma selfie. Ou um editorial.

Alexandre Sá Barreto da Paixão¹

¹ Artista-pesquisador, curador, crítico de arte e psicanalista. Pós-doutorando em História pelo PPGH-UFF. Procientista/UERJ com o projeto As revistas acadêmicas de Artes Visuais. Atual diretor do Instituto de Artes e professor do PPGARTES/UERJ. Sócio da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Membro da ANPAP - Comitê de Poéticas Artísticas. Membro da Associação Nacional de História (ANPUH). Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rua São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20550-013. E-mail: alexandresabarreto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes iD: lattes.cnpq.br/0137944963846547. Niterói, RJ, Brasil.

É incontável a quantidade de livros, seminários, palestras, projetos e exposições que durante o ano de 2022 propuseram diferentes formas de abordagem, não necessariamente comemorativas, ao Bicentenário da Independência do Brasil e ao Centenário da Semana de Arte Moderna. Tais propostas, além do atravessamento inevitável da data, terminam atendendo a uma demanda mercadológica que obviamente precisa ser aproveitada, para que no futuro, ou só depois, outras gerações, caso sobrevivamos, possam nos ler e ter como fonte histórica, considerando as peculiaridades de um ano que ainda estamos sob um regime devastador que expõe de maneira brutal nossas piores exceções e que lutamos cotidianamente para sobreviver. Ou pelo menos, transpassar.

Nós da revista Concinnitas, talvez não tenhamos pensado diferente. Estamos ainda imbuídos de um desejo de comentário, análise crítica e investigação de tal legado que eventualmente se disfarça e chora de fardo. Tentamos, apesar das crises, dos atrasos, da falta de estrutura e de financiamento efetivo, lançar outras possibilidades de abordagem não necessariamente diretas, mas não obrigatoriamente transversais. Para este número, publicamos a primeira parte de um volume que traz consigo o vírus irrequieto de tentar ultrapassar algum legado moderno, ensaiando um tipo de atualização e embate junto às questões decorrentes de um passado nada remoto que insiste em regimes de invisibilização e silenciamento. De todo modo, é salutar lembrar que, considerando algumas propostas mais atuantes, estamos todes, mudando paulatinamente esse passado branco a que tudo apaga. É na ação ordinária, cotidiana e de enfrentamento abissal dos códigos específicos da produção de um certo tipo de pesquisa que nós, artistas, editoras, autoras, críticas, curadoras e historiadoras, tentamos mergulhar. Embora não se trate de um conjunto de textos racializadxs ou próximos de uma militância sempre urgente, nosso desejo aqui, com estas duas edições, é dobrar um regime de legibilidade que a tudo pasteuriza, mesmo o pelo avesso que ingenuamente se autodenomina antídoto, provocando e promovendo órbitas assimétricas para que o debate, distante contaminação rasa da pessoalidade da rede social, se estabeleça. Se conseguimos chegar minimamente perto, estamos consideravelmente satisfetxs.